

I

Quando, em dezembro de 1940, atravessei Portugal de passagem para os Estados Unidos, Lisboa surgiu-me como uma espécie de paraíso luminoso e triste. Falava-se então muito de uma invasão iminente, e Portugal apegava-se à ilusão da sua felicidade. Lisboa, que organizara a mais encantadora exposição que já se vira no mundo, sorria com um sorriso um tanto pálido, semelhante ao daquelas mães que, não tendo notícias de um filho que está na guerra, se esforçam por o salvar através da sua confiança: «O meu filho está vivo, porque eu estou a sorrir...», «Vejam como estou feliz, tranquila e bem iluminada...», assim dizia Lisboa. O continente inteiro pesava sobre Portugal como uma montanha selvagem cheia de tribos predatórias; Lisboa em festa desafiava a Europa: «Como poderão tomar-me por alvo quando tenho tanto cuidado em não me esconder! Quando eu sou tão vulnerável!...»

No meu país, as cidades, à noite, eram cor de cinza. Com elas, tinha-me desacostumado da luminosidade, e esta capital resplandecente provocava-me um vago mal-estar. Se um bairro suburbano está mergulhado em sombras, os diamant-

tes de uma montra bem iluminada atraem a atenção dos larápios. Ouvimo-los a circular. Em Lisboa, eu sentia a pressão da noite da Europa habitada por grupos errantes de bombardeiros, como se, de longe, tivessem farejado este tesouro.

Mas Portugal ignorava o apetite do monstro. Negava-se a acreditar nos maus indícios. Portugal falava de arte com uma confiança desesperada. Atrever-se-iam a esmagá-lo com o seu culto pela arte? Portugal tinha posto a descoberto todas as suas maravilhas. Atrever-se-iam a esmagá-lo com todas as suas maravilhas? Mostrava os seus grandes homens. Na falta de exército, na falta de canhões, erguera, contra todo o ferro do invasor, todas as suas sentinelas de pedra: os poetas, os exploradores, os conquistadores. Na falta de exército e de canhões, todo o passado de Portugal obstruía o caminho. Atrever-se-iam a esmagá-lo perante a herança do seu passado glorioso?

Eu deambulava, assim, melancolicamente todas as noites no meio dos êxitos desta exposição de extremo bom gosto, em que tudo roçava a perfeição, incluindo a música, tão discreta e escolhida com tanto tato, que fluía suavemente nos jardins, sem altissonâncias, como o simples murmúrio de uma fonte. Iriam destruir no mundo este maravilhoso gosto pela justa medida?

E, debaixo do seu sorriso, eu achava Lisboa mais triste do que as minhas cidades extintas.

Conheci — e talvez também tenham conhecido — famílias um pouco excêntricas que conservavam à mesa o lugar de um morto. Negavam o irreparável. Não julgo, porém, que esse desafio seja consolador. Os mortos devem ser considerados mortos. No seu papel de mortos, encontram outra forma de presença. Mas aquelas famílias suspendiam o seu regresso. Tornavam-nos ausentes eternos, convivas

atrasados para a eternidade. Trocavam o luto por uma espera sem conteúdo. E essas casas pareciam-me mergulhadas num mal-estar irremediável tão sufocante como o desgosto, mas de uma outra maneira. Pelo piloto Guillaumet — meu Deus! —, o último amigo que perdi e que foi abatido no serviço postal aéreo, aceitei pôr luto. Guillaumet nunca mais mudará. Nunca mais voltará a estar presente, mas também nunca estará ausente. Sacrifiquei-lhe o lugar à mesa, essa armadilha inútil, e fiz dele um verdadeiro amigo morto.

Mas Portugal tentava acreditar na felicidade, mantendo-lhe o lugar e conservando os seus candeeiros e a sua música. Em Lisboa, representava-se a felicidade, para que Deus acreditasse mesmo nisso.

Lisboa devia também o seu clima de tristeza à presença de alguns refugiados. Não falo de proscritos em busca de asilo. Não falo de imigrantes em busca de uma terra a fecundar com o seu trabalho. Falo daqueles que se expatriavam para longe da miséria dos seus para porem o seu dinheiro a bom recato.

Como não consegui hospedar-me na própria cidade, vivia no Estoril, perto do Casino. Acabava de sair de uma guerra dura: o meu Grupo Aéreo, que durante nove meses nunca interrompera os voos sobre a Alemanha, perdera, no decurso da única ofensiva alemã, três quartos das suas tripulações. De regresso a casa, conheci a triste atmosfera da escravatura e a ameaça da fome. Tinha vivido a noite sombria das nossas cidades. E agora, a dois passos da minha casa, o Casino do Estoril enchia-se todas as noites de fantasmas. Eram depositados ali, na areia fina do pórtico de entrada, por *Cadillacs* silenciosos que simulavam dirigir-se a qualquer parte. Tinham-se vestido para jan-

tar, como noutros tempos. Exibiam gravatas ou pérolas. Convidavam-se uns aos outros para repastos de figurantes, em que não tinham nada para dizer uns aos outros.

Depois, consoante as fortunas, jogavam à roleta ou ao baccará. Às vezes, ia vê-los. Não sentia nem indignação nem qualquer sentimento de ironia: apenas uma vaga angústia, como a que nos perturba no jardim zoológico quando contemplamos sobreviventes de uma espécie quase extinta. Instalavam-se à volta das mesas. Aglomeravam-se em redor de um *croupier* austero e esforçavam-se por sentir a esperança, o desespero, o receio, o desejo e o júbilo. Tal como seres vivos. Arriscavam fortunas que, nesse mesmo instante, talvez já nem valessem nada. Usavam moedas que talvez já nem estivessem em circulação. Os valores dos seus cofres eram talvez garantidos por fábricas já confiscadas ou ameaçadas pelos torpedos aéreos, em vias de serem arrasadas. Construía castelos no ar. Ao agarrarem-se ao passado, esforçavam-se por acreditar — como se nada tivesse começado, há já alguns meses, a desabar na terra — na legitimidade da sua febre, na cobertura dos seus cheques, na eternidade das suas convenções. Era irreal. Era um baile de bonecas. Mas era triste.

Provavelmente nem sentiam nada. Eu saía dali. Ia respirar para a beira-mar. E esse mar do Estoril, mar de vila termal, mar domesticado, parecia-me entrar também no jogo, ao empurrar para o golfo uma vaga única e suave, toda resplandecente de Lua, como um vestido de cauda fora de estação.

* * *

No paquete, voltei a encontrar os meus refugiados. Esse paquete provocava, também ele, uma leve angústia. Esse pa-

quete transportava, de um continente para outro, estas plantas sem raízes. Dizia para comigo: «Quero ser um viajante, não quero ser um emigrante. Aprendi tantas coisas na minha terra que noutro lado serão inúteis!» Mas então os meus emigrantes tiravam do bolso o seu caderninho de endereços, os seus restos de identidade. Ainda pretendiam ser alguém. Agarravam-se, com todas as suas forças, a qualquer significado. «Sabe», diziam eles, «eu sou fulano... sou de tal cidade... o amigo de beltrano... conhece sicrano?»

E contavam-nos a história de um amigo, ou a história de uma responsabilidade, ou a história de um erro, ou qualquer outra história que os pudesse ligar a qualquer coisa, fosse o que fosse. Mas, visto que se tinham expatriado, nada deste passado lhes podia já servir. Estava tudo ainda muito fresco, muito recente, muito vivo, como acontece a princípio com as recordações de amor. Fazemos um pacote com as cartas de amor; juntamos algumas lembranças; atamos tudo com muito cuidado. De início, a relíquia produz um encanto melancólico. Depois, passa uma louira de olhos azuis e a relíquia morre. Porque também o amigo, a responsabilidade, a terra natal, as recordações da casa perdem as suas cores e já não servem para nada.

Eles percebiam isso muito bem. Tal como Lisboa fazia a representação da felicidade, eles representavam a crença de que em breve voltariam. Como é doce a ausência do filho pródigo! É uma falsa ausência pois, por detrás dela, permanece a casa familiar. Quer estejamos ausentes na sala vizinha, quer no outro extremo do planeta, a diferença não é substancial. A presença do amigo, que aparentemente está longe, pode tornar-se mais forte do que uma presença real. É o que acontece com a oração. Nunca gostei tanto da minha casa como no Sara. Nunca os noivos estiveram tão